

Escritor Não Remunerado: Primazia da Assistência Autoral sem Retorno

Cesar Iria Machado

Definição. O *escritor não remunerado* é a conscin, homem ou mulher, dedicada ao ofício da escrita de maneira voluntária, irremunerada ou sem receber qualquer compensação financeira por seu trabalho autoral, voltando a habilidade redacional pessoal para a tarefa do esclarecimento, em processo de interassistência sem retorno.

Etimologia. A palavra *escritor* deriva do idioma Latim, *scriptor*, “aquele que escreve; autor de obras escritas”. Apareceu no Século XV. O vocábulo *não* procede também do idioma Latim, *non*, “não”. Surgiu no Século XII. O termo *remunerado* vem igualmente do idioma Latim, *remuneratus*, “que recompensou”. Apareceu no Século XIV.

Sinonímia: 1. Escritor irremunerado. 2. Escritor voluntário. 3. Escritor tarístico. 4. Escritor interassistencial gratuito.

Antonímia: 1. Escritor remunerado. 2. Escritor comissionado. 3. Escritor assalariado. 4. Escritor ordenado.

A relação entre a escrita e a remuneração financeira está ligada à cultura de massa. Após a invenção da *prensa por tipos móveis* por Johannes Gutenberg (1398–1468), na primeira metade do século XV, a produção de livros em série possibilitou também a massificação da leitura.

Entretanto, apenas no século XVIII, com a ascensão do gênero literário romanesco, é que foi possível aos escritores almejar viver da própria escrita, sem o amparo de algum mecenas. Neste período, em razão das mudanças sociais decorrentes da Revolução Industrial e consolidação da classe burguesa, os romances deixaram de ser idealistas passando para uma condição mais próxima da realidade. Tal fato possibilitou, mais a frente, o aparecimento dos livros denominados *best-sellers* (V. Henrique, Halime M. P.; *Best-Seller: A História de um Gênero; Vermelho Marinho*; 2010; páginas 19 a 26).

A popularização maior dos romances, apesar de incerta, ao que indicam os fatos históricos, parece ter ocorrido na primeira metade do século XIX na França, com o surgimento dos folhetins. O primeiro *romance folhetinesco* de autoria conhecida foi lançado por Honoré de Balzac (1799–1850), com o título *La Vieille Fille* (A Velha Rapariga – traduzido para o português com o título “A Solteirona”), de 1837. Um dos grandes exemplos do estilo, contudo, é atribuído ao romancista francês Eugène Sue (1804–1857), autor de *Les Mystères de Paris* (Os Mistérios de Paris), de 1842.

Já na segunda metade do século XIX, Émile Zola (1840–1902), considerado o pai do *Naturalismo*, ramo literário mais radical do *Realismo*, lança o romance *L`assommoir* (A Taberna). Nesta obra, o escritor destrincha o alcoolismo fazendo uma análise social do problema. Ao utilizar-se de linguagem popular, acaba por aproximar-se dos leitores das camadas sociais mais baixas.

Publicado inicialmente em 1876 ao modo de folhetim, ao ser lançado em formato de livro no ano de 1877, *L'assommoir* alcançou sucesso de vendas com mais de 100.000 cópias em poucos meses, condição inimaginável e inacreditável de se pensar 50 anos antes desta data, atingindo todas as camadas sociais. A polêmica em torno da obra, com o surgimento de críticas contundentes a favor e contrárias ao conteúdo e linguagem da mesma, fora dos padrões da época, favoreceu seu sucesso. Para alguns historiadores, Zola é considerado um precursor das vendas de livros em larga escala (V. **Josephson**, Mathew; **Zola e seu Tempo**; Companhia Editora Nacional; 1958; página 216).

Ao se analisar a história dos *best-sellers* e das grandes vendagens, os fatos indicam a relação entre o livro e o comércio. Aqui, a escrita, e mais especificamente a *Literatura*, ganham adjetivos tais quais mercado, consumo, entretenimento, lazer e efemeridade. O autor rende-se ao modelo consumista e passa a escrever o que o público quer ler. Dentre as temáticas, predominam aquelas relacionadas a crime, amor, sexo e aventura (V. **Silva**, Fernando Moreno; **Cultura e Mercado: O Best-Seller em Questão**; Interthesis; 2006; páginas 8 e 9).

Logicamente, quando se analisam as obras de cunho realista e naturalista, principalmente no contexto francês, as mesmas revestem-se de caráter social e, em certos casos, até mesmo revolucionário. Um bom exemplo é do próprio Zola, com o livro *Germinal*, de 1885, onde analisa e traz críticas sociais a respeito da dura realidade dos mineradores na França daquela época.

A partir do início do século XX, principalmente na Inglaterra e nos EUA, começa a crescer o mercado editorial voltado à literatura de consumo, identificado enquanto valioso filão. Diversos autores passam a se destacar e escrever livros com caráter de entretenimento, voltados para um público de leitores interessados apenas na emociogênese e no lazer efêmero produzido pela leitura.

A fim de exemplificar esta linha editorial, pode-se destacar, a título de exemplo: Sidney Sheldon (1917–2007), cujos livros venderam, de acordo com dados de 2010, 300 milhões de cópias ao redor do mundo, em mais de 180 países e em 51 diferentes idiomas; J. K. Rowling (1965–), com seus 7 livros sobre o bruxo *Harry Potter*, traduzidos para 65 idiomas, vendendo mais de 400 milhões de exemplares; Stephenie Meyer (1973–), com sua *saga vampiresca* composta por 4 livros, denominada *Crepúsculo*, presente em 50 países com vendagem de 100 milhões de exemplares (V. **Henrique**, Halime M. P.; **Best-Seller: A História de um Gênero**; Vermelho Marinho; 2010; páginas 17, 36 e 37).

Nas análises da literatura de massa, como é chamado o ramo dos *best-sellers*, são 4 os aspectos considerados na sua classificação: a linguagem acessível e simples; o uso da “tensão” intercalada com momentos ditos mais “frouxos” visando criar um clima de suspense; a presença de alguns componentes informacionais sobre alguma realidade do momento e, muitas vezes, posicionamentos ideológicos do próprio autor. Em geral, há a presença marcante de um herói com quem o leitor pode se identificar e imaginar-se nele, como forma de sair da mesmice da própria vida (V. **Sodré**, Muniz; **Best-Seller: A Literatura de Mercado**; Editora Ática; 1988; páginas 8 e 9).

Contudo, o que se observa, em geral, tanto para editores quanto para escritores que buscam popularidade, é a importância de o livro ser vendável. Para isso, não deve exigir tanto do leitor, precisa ter certa fluência e não necessitar releituras, sendo de fácil compreensão. Em suma: o livro não deve ser técnico, mas voltado ao lazer e ao entretenimento. Tal fato, porém, tende a tornar estes livros superficiais, de pouco valor quanto ao conteúdo, com objetivos meramente emociogênicos, embasados em certas fórmulas mercadológicas favorecedoras da vendagem maciça dos mesmos.

A partir disso, passa a se observar nos escritores um desvio quanto aos objetivos autorais. Na segunda metade do século XIX, segundo relatos dos historiadores, mesmo em Zola já se evidenciava o grande valor dado para a corrida rumo às grandes tiragens e o fato de ele mesmo se vangloriar por ser escritor reconhecido e poder viver deste ofício (V. **Troyat**, Henri; **Zola**; *Scritta*; 1992; página 102).

Antes disso, ainda no século XVIII, conta-se que os autores ganhavam por página escrita, justificando o fato de tantos livros da época serem tão extensos, com pontos incoerentes na história e enormes falhas na narrativa, até porque os escritores não faziam revisão dos textos se não ganhassem para isso. Um exemplo seria o de Daniel Defoe (1660–1731), com o clássico *Robson Crusoe*, de 1719 (V. **Henrique**, Halime M. P.; **Best-Seller: A História de um Gênero**; *Vermelho Marinho*; 2010; página 16).

Um outro bom exemplo da importância dada ao apelo comercial e o *imperativo do cifrão* no mundo editorial é o do escritor escocês Arthur Conan Doyle (1859–1930). Sua entrada na *Literatura* se deve à frustração na *Medicina* e a necessidade de melhorar as finanças abaladas.

Relata-se, ainda, que em dado momento, já cansado de seu personagem *Sherlock Holmes* e querendo investir em livros de não ficção do tipo histórico, resolve “matá-lo” após uma luta com um dos personagens considerado vilão e seu inimigo, o *Professor Moriarty*.

Diz-se que a reação do público leitor com a morte do personagem *Sherlock* foi imediata, creditada à identificação popular com o perfil do mesmo, o que levou à contestação das razões de o autor ter dado tal fim para um personagem tão apreciado pelos leitores da época. O escritor chegou, até mesmo, a receber cartas ofensivas e ameaças. Porém, em uma demonstração do *poder do dinheiro* na literatura de massa, só “ressuscitou” o personagem após uma proposta de 1 milhão de dólares por parte dos editores (V. **Sodré**, Muniz; **Best-Seller: A Literatura de Mercado**; *Editores Ática*; 1988; páginas 33 e 34).

O texto difícil, elaborado, causa angústia e apreensão no leitor. Este quer entender o que lê, portanto, a leitura complexa desestabiliza e coloca-o em crise. A leitura fácil, por outro lado, dá conforto e traz segurança (V. **Silva**, Fernando Moreno; **Cultura e Mercado: O Best-Seller em Questão**; *Interthesis*; 2006; página 4).

Obviamente, não ser compreendido não é sinônimo de tecnicidade, erudição ou qualidade textual. Muito pelo contrário, pode ser apenas uma ferramenta de poder para se parecer um escritor brilhante, escondendo-se atrás de *palavras bonitas* e *frases de efeito*. Tal fato é muito comum no academicismo. Um texto, contudo, pode ser técnico e fluido.

A fluidez textual, porém, não pode ser confundida com superficialização da informação. A literatura de entretenimento, mero passatempo, visa de um lado atender aos anseios do escritor em ser lido e tornar-se reconhecido; de outro, atender as demandas afetivo-emocionais dos leitores apreciadores de *fast-food intelectual*.

Não se está querendo aqui menosprezar toda literatura de massa e suas possíveis funções. Assim como muitas vezes a consciência necessita relaxar para recuperar-se de maneira *física-energética-emocional-mental*, utilizando-se para isso de recursos tais quais assistir um programa qualquer na TV, seriado na televisão, filme no cinema, uma peça teatral, gastar tempo em uma cafeteria ou perambular por um *shopping center*; outras podem optar pela literatura de consumo do tipo *best-seller*. Todos podem ser passatempos e recursos para a recuperação holossomática.

A questão em relação à produção de livros apenas para consumo abrange 2 polos, envoltos pela pressão mercadológica e do cifrão para a sua perpetuação como produção escrita e leitura principal da maioria dos apreciadores dos livros.

De um lado, *leitores-consumidores* cada vez mais apressados, sufocados pela rotina do dia a dia, com seu cotidiano robotizado, sem tempo ou interesse para leituras mais críticas, técnicas, eruditas ou aprofundadas. Como dito, ler torna-se um mero passatempo com o objetivo de distrair o pensamento e acalmar as emoções e, dificilmente, informar e trazer conhecimento.

Em geral, o ramo dos *best-sellers* produz e exalta um determinado estilo de vida, desenvolvido pelo suposto herói ou anti-herói com o qual o leitor se identifica e aspira ser, permitindo-o fantasiar e iludir-se com uma improvável vida paralela capaz de satisfazer seus desejos intrapessoais não realizados. Ou, ao menos, possibilita emocionar-se com as peripécias dos personagens. *Escrita para o entretenimento é emociogênese fugaz.*

Os defensores da literatura de entretenimento no Brasil alegam que a mesma, em função de suas características já descritas anteriormente ao longo deste artigo, permite o acesso de uma camada social mais baixa à leitura e o encontro destas pessoas com os livros. Dizem que o *best-seller*, ao popularizar a leitura, propicia a inclusão social. Não seria tal situação mera ilusão? De que adianta uma escrita que muito pouco acrescenta na vida das pessoas, servindo eventualmente apenas para o auxílio na recuperação das forças intrapessoais?

Aliás, falar em inclusão social mediante a literatura de massa mostra-se um contrassenso. Ao invés de querer simplificar a linguagem e superficializar a leitura para popularizar a mesma, seria muito mais prolífico a melhoria educacional da sociedade, propiciando ensino de qualidade para todos, o que iria favorecer leitores mais atinados, críticos, intelectualizados e, até mesmo, a depender do esforço pessoal, eruditos.

Nesse sentido, a popularização dos livros, apesar de ter acompanhado o desenvolvimento industrial e educacional dos séculos XVIII e XIX, denota hoje, de certo modo, principalmente em função das obras estilo *best-seller*, a superficialização das relações, a efemeridade dos anseios, a robotização existencial, a insatisfação pessoal com a vida humana e, até mesmo, a banalização do livro enquanto processo ideativo e intelectual favorecedor do conhecimento.

Do outro lado, analisando-se o contexto da *grafoproxis* ou programação existencial voltada à escrita interassistencial, surge a condição do próprio escritor e seus motivos em se *enveredar pelas trilhas da literatura massificada*. Se existe hoje esta cultura, é porque se responde à demanda de uma sociedade de consumo. O livro tornou-se mercadoria e, desse modo, sua produção precisa atender ao competitivo mercado editorial e entrar na disputa imposta pelo *capitalismo selvagem*.

Assim, o escritor que adentra nesse ramo vai de encontro às necessidades de um público carente de tais modelos ou fórmulas de entretenimento. Antes de mais nada, o autor, ao oferecer *o que o público quer e não o que ele precisa*, vende-se para o processo editorial e mercadológico da cultura massificada do lazer superficial.

Importa considerar também o interesse pessoal do escritor diante da fama e do poder, prestígio e *status* social gerados pelo reconhecimento por parte da mídia e pelos leitores. Neste quesito, o dinheiro ganho com as próprias obras, de certa forma, traz consigo uma pretenciosa *aura de sucesso* e, ao suprir as vaidades do escritor e permiti-lo adentrar no mundo das aparências e do consumismo, o leva a pensar agora fazer parte de uma categoria superior da sociedade.

Logicamente, existem aqueles autores ditos eruditos ou intelectualizados, com uma forma de escrita técnica, prolixa e, muitas vezes, obscura, que não buscam este público consumidor. Entretanto, sendo a outra face da mesma moeda, querem o reconhecimento de outra fatia de leitores: os críticos literários. Ou seja, não querem ser aceitos pela massa de leitores da sociedade, porém, desejam ser aprovados por seus pares, mais especificamente os críticos academicistas ou especialistas em sua área.

Talvez haja uma certa importância nos livros efêmeros, em razão de sua finalidade enquanto passatempo e medida terapêutica antiestresse. Porém, importa ao escritor, principalmente quando grafoproexista, questionar-se: do que as consciências realmente precisam?

A título de contextualização, a *grafoproéxis* é a programação existencial intelectual da consciência intrafísica ou personalidade humana, homem ou mulher, voltada à publicação de livros conscienciológicos e com o megafoco na primoprioridade da escrita cosmoética, interassistencial e libertária, assentada na tarefa do esclarecimento, dentro do quadro das reurbanizações extrafísicas (reurbexes).

Ao portador de grafoproéxis, dá-se o nome de *grafoproexista*. Com base nessas explicações, vale aqui o questionamento: o ramo dos *best-sellers*, do entretenimento e a escrita voltada ao mercado editorial estariam em acordo com uma grafoproéxis?

Dar o que o público quer, seguindo as solicitações da *massa humana impensante*, apenas faz do escritor mais uma *consciência sem consciência* e um *figurante na vida intrafísica*. De outra forma, quando o autor passa a se preocupar com as reais demandas da sociedade e busca materializar ideias capazes de influenciar os rumos da humanidade, oferecendo *o que ela precisa*, deixa de ser *mero joguete* na mão das personalidades perpetuadoras do capitalismo selvagem. Assim, torna-se o *ator principal* e o verdadeiro *líder intelectual* frente às necessidades intrafísicas grupais.

Aliás, a condição de *liderança intelectual interassistencial* é inerente à função de grafoproexista. Honrar o próprio *Curso Intermissivo* (CI) é mostrar a que veio; no caso do ex-escritor mercantilista, hoje intermissivista, materializar mediante a escrita as ideias e os ideais libertários, tarísticos e cosmoéticos do autorado holocármico.

Com isso, o *escritor-intermissivista-grafoproexista* vai propiciar à humanidade recursos capazes de amplificar o autoconhecimento, gerar autoconscientização multidimensional, auxiliar na cura de perturbações conscienciais e direcionar as consciências para a autoevolução. Em outras palavras: dar à sociedade humana o que ela necessita, fugindo das rédeas da cultura de massa e do modelo consumista de escrita superficial.

Aqui surge a primeira motivação para a condição de escritor não remunerado. *A escrita conscienciológica é antiogocêntrica, objetiva a tarefa do esclarecimento e não visa retorno pessoal.* Escrever, em *Conscienciologia*, é realizar a interassistência de maneira gratuita, voltada à multidimensionalidade.

Quando o escritor entra na *corrida monetária mediante os livros* e visa a notoriedade e o *cifão*, naturalmente vai buscar cativar o público leitor para que este continue comprando suas futuras obras. Para o escritor conscienciólogo, contudo, os leitores tornam-se seu *público-assistido* e, assim, a fama e o lucro perdem sua finalidade.

Cabe frisar, portanto, que o *público leitor conscienciológico* é, na realidade, *público-assistido*. Ou seja, é o segmento da sociedade humana composta pelo perfil de conscins afeitas ao conteúdo

ou conjunto de mensagens propostas pela Ciência *Conscienciologia* e, desse modo, interessadas em livros tarísticos e libertários embasados no paradigma consciencial.

No âmbito grupocármico, são conscins ligadas ao escritor pelo histórico holobiográfico e multiexistencial, aos quais objetiva agora *desensinar o que ensinou errado* e tornar-se *consciência-exemplo* dentro dos estudos da evolução consciencial, funcionando tal qual *líder intelectual interassistencial*.

Ao estabelecer o foco dos próprios escritos no ganho financeiro, a tendência, como analisado anteriormente, vai ser o escritor desvirtuar seus objetivos iniciais e desviar-se do que seria seu verdadeiro *desideratum*: a interassistência a partir da escrita.

Na indústria editorial brasileira atual podem ser citados autores que, *por hipótese*, ressomaram com o objetivo de assistir os leitores mediante suas obras, porém, pelo *imperativo do cifrão*, entraram para o ramo da *literatura fast-food*, da autoajuda e dos *best-sellers* superficiais de cunho religioso ou espiritualista, desviando-se de possíveis propostas existenciais pessoais na tarefa do esclarecimento, por exemplo estes 3, enumerados na ordem alfabética de assuntos:

1. **Autoajuda.** A.C., 58 anos de idade, médico psiquiatra, ateu assumido, iniciou a carreira de escritor no ramo de livros técnicos, lançando teoria sobre *inteligência multifocal* mundialmente reconhecida. Escreveu inúmeros livros na área psicológica, porém acabou encaminhando-se para o estilo autoajuda e religioso. Denomina-se atualmente como sendo cristão e ex-ateu e dedica-se à escrita de livros de literatura nestas áreas, realizando adaptações dos mesmos para o cinema, mergulhando nessas indústrias multimilionárias (V. **Tiengo**, Rodolfo; *“Eu Não Sabia Nem Como se Publicava um Livro”*; <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2012/06/eu-nao-sabia-nem-como-se-publicava-um-livro-diz-augusto-cury-em-sp.html>>; acesso em: 25.02.2017; 17h00).

2. **Espiritualismo.** Z.B., 90 anos de idade, escritora espiritualista, iniciou seus trabalhos dentro do Espiritismo, escrevendo romances psicografados sem visar lucro pessoal. Em função de interesses financeiros, deixou aquela linha de atuação, e passou a dedicar-se à literatura espiritualista com finalidades essencialmente comerciais. Montou um império familiar editorial, tendo em 2013 lucrado com as vendas de 16 milhões de exemplares de suas obras (V. **Loes**, João; *A Senhora dos Espíritos*; Reportagem; *IstoÉ*; <http://istoe.com.br/302900_A+SENHORA+DOS+ESPIRITOS/>; acesso em: 25.02.2017; 15h10).

3. **Misticismo.** P.C., 69 anos de idade, conhecido pelo codinome “mago”, tem em sua biografia o relato do gosto pela escrita desde a infância e a juventude. Por possuir sensibilidade parapsíquica, acabou enveredando-se por linhas ocultistas e místicas. Em dado momento, passou a escrever literatura de acordo com os conhecimentos hauridos dentro destes segmentos, tornando-se milionário escritor de entretenimento, com vendagem até 2014 de 165 milhões de exemplares em dezenas de países (V. **Barbosa**, Daniela; *Paulo Coelho Está Entre as 300 Pessoas Mais Ricas da Suíça*; <http://exame.abril.com.br/negocios/paulo-coelho-esta-entre-as-300-pessoas-mais-ricas-da-suica/>>; acesso em: 25.02.2017; 16h20).

O fato dos escritores anteriormente citados possuírem perfil pessoal e habilidade para análise da intraconsciencialidade e / ou estudo da multidimensionalidade, os colocaria em posição de *consciências grafoproexáveis*, as quais poderiam ter se dedicado ao esclarecimento mediante seus talentos para a escrita. Contudo, recorreram a linhas editoriais com forte apelo pecuniário, abdicando da interassistencialidade em prol do autobenefício financeiro.

No caso de escritores dentro de linhas espiritualistas, apesar dos milhares de fãs e *leitores de cabresto*, os mesmos caem em descrédito diante dos estudiosos mais sérios dos assuntos por eles abordados.

O fato de estarem lucrando com a *suposta assistência* que pretendem fazer a partir dos livros por eles escritos, ocasiona a *perda da autoridade moral*, tanto perante às consciências realmente engajadas em tarefas interassistenciais, quanto diante das consciências amparadoras. Espontaneamente, associam-se a *guias extrafísicos amauróticos* (guias cegos), ajudando a manter lavagens cerebrais seculares, muito provavelmente por eles já defendidas no passado multixistencial.

Consciências acrílicas tendem a aceitar o que lhes é imposto, seja pelas palavras faladas quanto por aquelas grafadas. Ao mesmo tempo, não questionam a veracidade ou exemplarismo contidos nos textos dos autores por elas admirados.

Para o escritor, a necessidade de fama, sucesso, poder, prestígio e dinheiro tendem a levá-lo, por mais bem-intencionado que esteja no início de sua atuação, à superficialização das abordagens, ao cabotinismo e à autopromoção, à criação de si mesmo enquanto um personagem, à vida de aparências e de inter-relações falsamente construídas, à manipulação interpessoal e à *prostituição de valores e princípios pessoais*. O mais importante, em dado momento, passa a ser a manutenção da indústria editorial criada por si.

Desse modo, quando há autêntica e real seriedade nos trabalhos voltados ao fraternismo e altruísmo, o fato de uma determinada consciência render-se ao domínio materialista e ao poder do dinheiro, naturalmente a torna malconceituada entre os seus pares.

Há a possibilidade de escritores do ramo dos *best-sellers* taxarem tal abordagem de mero moralismo. Afinal, qual o problema em se beneficiar da própria habilidade ou talento redacional? Se possuo um traço, o que há de errado em favorecer-me com tal atributo para o sustento pessoal?

Além de toda a argumentação anteriormente já realizada, concernente aos problemas relacionados ao uso do megatraço da escrita para gerar dividendos para si mesmo, incluindo a queda na qualidade dos próprios escritos, no caso do grafoproexista cabe ainda outra consideração.

Quando, por exemplo, uma consciência tem histórico em determinada linha, ao adentrar neste ramo está inserindo-se na *fôrma holopensênica pessoal*. Como a própria expressão indica, ela é um *molde*, formatado mediante as inúmeras experiências multixistenciais e, ao entrar novamente naquela linha, tudo flui para a consciência e tende a tornar-se mais fácil.

No caso do ex-escritor do passado, agora ressomado nesta vida humana atual, não será diferente. Se a consciência é intermissivista e grafoproexista e, em determinado momento, adentra em sua *fôrma holopensênica pessoal* relacionada a sua linha holobiográfica autoral, a tendência é surgirem oportunidades para o destaque dentro daquele ramo. Se a vaidade e a necessidade de reconhecimento não estiverem bem trabalhadas dentro de si, corre-se o risco de cair nos mesmos erros do passado já comentados neste artigo.

Dinheiro tem energia. Saber lidar com o *poder do cifrão* é desafio para qualquer consciência ressomada e pode levar a escolhas evolutivas ou antievolutivas. A consciência grafoproexista possui uma função interassistencial nesta existência, a ser aplicada mediante seu megatraço na escrita. Nesse sentido, a força atrativa da energia do dinheiro e, principalmente, de todos os benefícios materiais que o mesmo pode trazer, irá pressioná-la para *abrir mão dos mais altos fins de sua vida humana* em função da efemeridade e da superficialidade do materialismo.

Quando lúcido, o grafoproexista vai buscar suas fontes de renda em outras áreas, visando não cair sob a opressão imposta pela *sociedade materialista* ou *money society* em detrimento das

necessidades proexológicas pessoais. Quando o escritor abre mão da remuneração, doando seu talento em prol da escrita tarística, libertária, cosmoética e interassistencial, emancipa-se das imposições do capitalismo selvagem, do mercado consumista e da literatura de massa.

Cabe reconsiderar e relativizar, entretanto, as profissões relacionadas à escrita, como é o caso, por exemplo, das áreas de *Jornalismo*, *Letras* e *Biblioteconomia*, em que o sustento pessoal é obtido no trato com as palavras grafadas. Podem entrar aqui, por exemplo, a atuação prática na elaboração de textos na condição *contratada* ou *freelance* voltada aos *blogues*, jornais e revistas; e também os trabalhos de docência, revisão e *copydesk*.

No caso do autorado conscienciológico, o escritor grafoproexista precisa lembrar que *não há como massificar o imassificável*. Importa lembrar que a *Conscienciologia* visa a tarefa do esclarecimento (tares), mais antipática do que a tarefa da consolação (tacon), e objetiva expor para a conscin a sua realidade intraconsciencial para auxiliá-la na renovação íntima. A tarens não agrada, *não coloca panos quentes, não doura a pílula* e se propõe a gerar crises de crescimento para otimizar a evolução das consciências.

A tarens também pode ser definida como a ação interassistencial cosmoética e avançada da conscin lúcida com inteligência evolutiva (IE), visando a clarificação das ideias dos assistidos e a consequente libertação de qualquer estado de submissão, dependência, doutrinação ou lavagem cerebral, mediante a amplificação do discernimento e da racionalidade. Por isso, a *Conscienciologia* e a escrita conscienciológica são propostas de *assistência sem retorno*, incompatíveis com o meio editorial da sociedade humana atual, indo no contrafluxo da mesma.

Ainda nesta linha de argumentação, outros aspectos da escrita conscienciológica a torna antagônica à indústria dos livros comerciais, efêmeros e de entretenimento. Podem ser citados estes 5, enumerados na ordem alfabética de assuntos:

1. **Autoexperimentação:** a importância da autopesquisa e das próprias experiências no trato com o conteúdo conscienciológico, em detrimento da fé ou da submissão.

2. **Descrença:** o embasamento da ciência *Conscienciologia* sob o *princípio da descrença* (PD), reforçando a necessidade da incredulidade, da dúvida, do questionamento e da vivência pessoal, ao invés da credulidade e aceitação passiva e cega das informações.

3. **Diagnóstico:** o estudo das patologias ou perturbações conscienciais com o intuito de propiciar para o autopesquisador a geração de autodiagnósticos e a promoção de reciclagens íntimas concretas.

4. **Impactoterapia:** a característica de promover *impactoterapias* a partir do ato de se colocar *o dedo na ferida*, objetivando o confronto das irracionalidades conscienciais, a geração de crises intrapessoais e a autorrenovação.

5. **Inteligência:** o objetivo de levar as consciências ao desenvolvimento da inteligência evolutiva, mediante a autoconsciência multidimensional e parapsíquica, a cosmoética, a interassistencialidade e o megafoco na programação existencial pessoal.

Em razão dos diversos aspectos descritos, o escritor conscienciólogo e os livros da *Conscienciologia* irão fornecer *o que o leitor precisa e não o que ele simplesmente quer*. Pelo fato de a tarens ser antipática, suas obras se enquadram na categoria *low-seller*, sendo imassificáveis, porém tendentes a contrapor a efemeridade, tornando-se linha editorial perene.

Vale pontuar a impossibilidade de se utilizar uma linguagem muito simplificada. *Conscienciologia* é ciência, e não literatura ou entretenimento; tem seus neologismos necessários e envolve, desse modo, uma escrita técnica.

Ademais, ao grafoproexista importa mais a *remuneração evolutiva* dos autoesforços e o saldo positivo na *Ficha Evolutiva Pessoal* (FEP). Escrita conscienciológica não traz dinheiro, fama, prestígio, reconhecimento ou poder. Contudo, propicia à conscin escritora a possibilidade de impulsionar a própria vida, em razão, por exemplo: dos benefícios holossomáticos e parapsíquicos hauridos com o trabalho redacional; dos encontros de destino; da abertura de caminhos e, principalmente, em decorrência da assistência aos *compassageiros evolutivos* e a consequente *recomposição grupocármica* efetivada mediante o autorado holocármico, sejam os assistidos leitores em geral ou ex-colegas escritores do passado multiexistencial.

VALE MAIS A TEÁTICA DA GRAFOFILIA INTERASSISTENCIAL MEDIANTE A ESCRITA GRATUITA, DENTRO DA CONDIÇÃO DO VOLUNTARIADO COSMOÉTICO, CAPAZ DE AMPLIFICAR A AU- TORIDADE MORAL MULTIDIMENSIONAL DO GRAFOPROEXISTA.

Questionamentos. Ao leitor e leitora grafoproexista, cabem os seguintes questionamentos: a condição de escritor não remunerado, voluntário, está clara para você? Está disposto a *abrir mão do cifrão* em *benefício da interassistência tarística*? Em que nível de comprometimento?

Referências:

1. **Henrique**, Halime M. P.; *Best-Seller: A História de um Gênero*; pref. Felipe Pena; revisora Sonia Camara; 102 p.; 3 caps.; 1 entrevista (Tilly Bagshawe); 7 enus.; 2 tabs.; 1 *website*; 11 refs.; 2 webgrafias; 21 x 14 cm; br.; *Vermelho Marinho*; Rio de Janeiro, RJ; 2010; páginas 16, 17, 19 a 26, 36 e 37.
2. **Josephson**, Mathew; *Zola e seu Tempo (Zola and his Time)*; trad. Godofredo Rangel; 536 p.; 4 partes; 19 caps.; 2 enus.; 4 fotos; 22 ilus.; 1 índice de ilustrações; epíl.; 28 notas; 46 refs.; 3 apênds.; 21 x 14 x 5 cm; br.; *Companhia Editora Nacional*; São Paulo, SP; 1958; página 216.
3. **Silva**, Fernando Moreno da; *Cultura e Mercado: O Best-Seller em Questão*; Artigo; 21 p.; *Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis*; V. 3; N. 2; 21 refs.; *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*; Florianópolis, SC; Julho/Dezembro, 2006; páginas 4, 8 e 9.
4. **Sodré**, Muniz; *Best-Seller: A Literatura de Mercado*; 80 p.; 6 caps.; 10 enus.; 9 refs.; glos. 14 termos; 18 x 12 cm; br.; 2ª Ed.; *Editora Ática*; São Paulo, SP; 1988; páginas 8, 9, 33 e 34.
5. **Troyat**, Henri; *Zola*; trad. Maria das Graças L. M. do Amaral; revisora Mariclara Barros; 312 p.; 28 caps.; 245 notas; 49 refs.; 22,5 x 16 cm; br.; *Scritta*; São Paulo, SP; 1994; página 102.
6. **Vieira**, Waldo; Org.; *Enciclopédia da Conscienciologia Eletrônica (Verbetomática)*; revisores Equipe de Revisores do Holociclo-CEAEC; 19.817 p.; 557 especialidades; 4.040 verbetes; 611 verbetógrafos; Versão 1.1.4.0/2015 - Beta; *Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC)*; Foz do Iguaçu; PR; última atualização em: 26.02.2017. (Verbetes: Energia do Dinheiro; Escrita Conscienciológica; Escrita Reciclogênica; Escritor Conscienciólogo; Ficha Evolutiva Pessoal; Grafoproéxis; Grafoproexometrologia; Liderança Intelectual Interassistencial).

Referências Webgráficas:

1. **Barbosa**, Daniela; *Paulo Coelho Está Entre as 300 Pessoas Mais Ricas da Suíça*; Exame.com; Revista; São Paulo, SP; 05.12.2014; 19h59; Seção: *Negócios*; <http://exame.abril.com.br/negocios/paulo-coelho-esta-entre-as-300-pessoas-mais-ricas-da-suica/>>; acesso em: 25.02.2017; 16h20.
2. **Loes**, João; *A Senhora dos Espíritos*; Reportagem; *IstoÉ*; Revista; São Paulo, SP; Ed. 2.272; 30.05.2013; 20h40; Seção: Comportamento; 1 cronologia; 1 entrevista; 2 fichários; 13 fotos; 1 tab.; <http://istoe.com.br/302900_A+SENHORA+DOS+ESPIRITOS/>; acesso em: 25.02.2017; 15h10.
3. **Tiengo**, Rodolfo; *“Eu Não Sabia Nem Como se Publicava um Livro”*; *G1 Ribeirão e Franca*; 02.06.2012; 06h00; <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2012/06/eu-nao-sabia-nem-como-se-publicava-um-livro-diz-augusto-cury-em-sp.html>>; acesso em: 25.02.2017; 17h00.



Cesar Iria Machado é graduado em Medicina (UEL-PR), Pós-graduado em Cuidados Paliativos (Albert Einstein), Geriatria e Gerontologia (UP) e Homeopatia (IHB). Médico de Medicina Paliativa e Medicina Intensiva. Pesquisador da Conscienciologia desde 1996. Verbetógrafo da *Enciclopédia da Conscienciologia*. Autor dos livros *Proatividade Evolutiva: Sob a Ótica da Autoconsciencioterapia* e *Antivitimização: Alicerce para a Autoevolução*, coautor do livro *Humanização Parapsíquica na UTI: Assistência Integral ao Paciente Crítico*. Voluntário da UNIESCON.

E-mail: cesar.uniescon@yahoo.com.br